

A CRÔNICA “O HOMEM NU” NA CONSTRUÇÃO DE JOVENS LEITORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

NASCIMENTO, Edna Ranielly do.
PIBID/CH/Universidade Estadual da Paraíba

SOUZA, José Leonardo Fernandes de.
CH/Universidade Estadual da Paraíba

INTRODUÇÃO

A terceira edição da pesquisa intitulada por “Retratos da leitura no Brasil” realizada em 2011 pelo Instituto Pró-Livro revela o nível de leitura do público brasileiro. Do público pesquisado, apenas 58% leem frequentemente. Diante desta informação, o presente trabalho tem como objetivo, relatar as experiências vivenciadas no município de GUARABIRA-PB (turma do 8º ano) e no município de LAGOA DE DENTRO-PB (turma de 6º ano). Com a finalidade de mostrar através das aulas aplicadas pelo projeto PIBID e não PIBID, que é possível incentivar a leitura e a produção textual através de metodologias dinâmicas. De modo a estimular a curiosidade e o interesse do aluno, além de defender maiores utilizações do gênero crônica em sala de aula. Para tal objetivo, far-se-á uso do método qualitativo para ambas as turmas.

Utilizar-se-á como aporte teórico, ARISTÓTELES (1964) com o seu famoso estudo de teor literário presente na *Poética*. CÂNDIDO (1979) que traz no prefácio do livro “A vida ao rés do chão”, estudos teóricos sobre o gênero crônica, desde o seu surgimento à sua modificação ao longo dos tempos. CAMPOS & QUINELATO (2010) que aborda um relato sobre a utilização do gênero crônica em sala de aula. DÁROZ (2012) que menciona diferentes tipos de dinâmicas para aplicar em sala de aula. MARCUSCHI (2008) que abarca pesquisas sobre gênero e compreensão textual e SOARES (2007), a qual direciona o seu trabalho, também, aos gêneros textuais. O nosso trabalho será fragmentado em partes específicas, para melhor compreensão e assimilação do seu conteúdo. Portanto, a primeira parte abordará um estudo sobre o conceito de gênero e sua aplicação na nossa sociedade. A segunda focalizar-se-á um estudo aprofundado sobre o gênero crônica. O terceiro tópico, por sua vez, relatará as experiências vivenciadas em sala de aula e por fim, finalizar-se-á com as considerações finais sobre a temática abordada.

2. Gênero: conceito e aplicabilidade

Os estudos dos gêneros foram inseridos na nossa sociedade desde a antiguidade. Marcushi (2008, p.147) aborda esta temática ao afirmar que “a expressão “gênero” esteve na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles passando por Horácio e Quinquiliano pela Idade Média, até os primórdios do século XX”. Diante desta citação, podemos constatar que, o estudo dos gêneros estava restrito principalmente ao campo literário, contudo após o século XX, o mesmo passou a designar o conjunto de semelhanças que diferenciam os discursos, independentemente da sua relação com a literatura e com a escrita.

Não cabe aqui, portanto, definir os gêneros por completo, mas mostrar meios de como utilizá-los. Até porque, isto acarretaria em um estudo superficial e impossível devido a seu amplo crescimento. Logo que, o próprio Aristóteles iniciou os estudos teóricos acerca dos gêneros, mas não o fez por completo. Ele revelou-os a nossa sociedade, a partir da distinção entre tragédia, comédia e epopeia. Segundo o mesmo (1953), a tragédia e a epopeia imitam pessoas superiores, porém a primeira foi feita para ser encenada, no qual os homens representam através de suas ações algo grave, capaz de promover pena, produzindo assim a Catarse. A segunda por sua vez, apresenta maior uniformidade, além de utilizar o sistema narrativo.

No que concerne à comédia, ele acrescenta que esta imita pessoas inferiores, porém esta inferioridade não provoca a dor, mas a comicidade. A ação inferior que dela provém, provoca o riso. Utilizando-se o “feio” como recurso para atingi-la.

Em síntese, a poética tornou possível compreender que os textos não ocorrem uniformemente. Todavia, as distinções abordadas nela não são suficientes para abarcar toda a dinamicidade textual com a qual nos deparamos atualmente. Pois, além da tragédia, epopeia e comédia, vivemos uma fase de inúmeros gêneros.

Quanto ao seu conceito, o dicionário Aurélio (2001 p.345) propõe que os gêneros são “[...] variedade da obra literária, segundo o assunto e a maneira de tratá-lo, o estilo, a estrutura e as características formais da composição: gênero lírico, gênero épico, gênero dramático [...]”.

De acordo com a conceituação do Aurélio, segue-se uma linha de pensamento que envolve função, sentidos, formas etc. Onde estes fatores, complementam-se para definir

determinados gêneros. Não obstante, o principal problema não estar em defini-los, mas em se ater exclusivamente a este detalhe. Quando, o foco real deveria voltar-se para a sua aplicabilidade e função social, afinal “(...) todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma” (MARCUSHI, 2008 p.150). É esta funcionalidade defendida por Marcushi, que iremos nos ater, a partir do gênero “crônica”.

2. Crônica: história *versus* literatura

É inegável a relação existente entre a crônica literária e a historiográfica. Portanto, faz-se necessário tal abordagem para a compreensão da função social deste gênero e sua contribuição na formação de jovens leitores.

A crônica, a princípio, estava associada unicamente a fatores históricos, entretanto com o surgimento da imprensa no século XIX, ela sofreu algumas modificações consideráveis, que tornou possível a sua ligação com outras áreas do conhecimento, a citar a literatura. SOARES (2007) em seu estudo sobre gêneros alega que a crônica designava, no período Cristão, os relatos ocorrentes cronologicamente. Porém, no século XIX um novo sentido lhe foi atribuído, no momento em que se integrou ao jornal devido ao surgimento da imprensa.

Foi neste cenário, que a crônica historiográfica conseguiu ultrapassar as barreiras, assumindo assim, características literárias, através dos folhetins, importante meio para a sua construção enquanto gênero literário. Quanto a isto, Candido (1979 p.7) menciona que:

Antes de ser crônica propriamente dita, foi folhetim, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, - políticas sociais, artísticas, literárias. [...] Aos poucos o folhetim foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje.

Conclui-se a partir da linguagem de Candido, que o folhetim instaurou a passagem de um gênero histórico para o literário. É verdade que, inicialmente, tinha a finalidade de informar fatos cotidianos diariamente nos jornais. Todavia, a sua linguagem foi assumindo novas funções especialmente no Brasil, onde sua ocorrência dá-se de forma totalmente diferenciada. CANDIDO (1979) articula essa particularidade da crônica brasileira, ao mencionar que “[...] no Brasil, ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade aqui e a originalidade com que aqui se

desenvolveu”. Inúmeros foram os autores que a direcionaram para uma linguagem mais poética, do que meramente descritiva ou jornalística. Por isso, ela ocorreu de forma tão particular em terras brasileiras.

Soares (2007, p.64) contribui ainda, com a temática ao determinar a conceituação e etimologia da palavra “crônica”, através do seguinte parágrafo:

Ligada ao tempo (*chrónos*), ou melhor, ao seu tempo, a crônica o atravessa por ser um registro poético e muitas vezes irônico, através do que se capta o imaginário coletivo em suas manifestações cotidianas. Polimórfica, ela se utiliza afetivamente do diálogo, do monólogo, da alegoria, da confissão, da entrevista, do verso, da resenha, de personalidades reais, de personagens ficcionais..., afastando-se sempre da mera reprodução de fatos. E enquanto literatura, ela capta poeticamente o instante, perenizando-o.

Presume-se, portanto, que o mencionado gênero revela ações cotidianas através de recursos predominantemente literários, o que permite que o diferencie de outros gêneros puramente jornalísticos. Segundo a autora existem cronistas importantes na sociedade brasileira, e para tal afirmação, ela cita alguns autores clássicos como Machado de Assis e Olavo Bilac, e outros contemporâneos, como Carlos Drummond de Andrade, Millôr Fernandes e Fernando Sabino. O texto “O homem Nu” produzido por este último, será uma vertente do nosso objeto de pesquisa “o gênero crônica em sala de aula”, exposto através do relato de experiência abordado a seguir.

3. Relato de experiência

A experiência vivenciada na escola da rede municipal de GUARABIRA-PB ocorreu em um curto período de tempo (4h/ aulas). No município de LAGOA DE DENTRO-PB, por sua vez, o tempo foi ainda mais reduzido (2h/aulas). Em ambos tinha-se como finalidade estimular a capacidade de produzir textos através da atividade dinâmica “o grande final”. Segundo Daróz (2012, p.29), esta atividade “desenvolve a atenção a partir de temas específicos e desperta a criatividade”.

Realmente, a dinâmica exige do participante o maior grau de atenção possível, além de estimular a sua libertação criativa.

A autora sugere como material a ser utilizado, um conto ou notícia, contudo fez-se uma adaptação, escolhendo como objeto de estudo a crônica “O homem nu” de Fernando Sabino. Em seguida, ela aborda o método a ser utilizado ao fazer a seguinte afirmação,

Divida a turma em grupos de quatro alunos. Leia parte de **UMA HISTÓRIA A SUA ESCOLHA**, como contos ou atualidades, e peça que cada grupo elabore um final.

Cada grupo apresentará o seu final aos demais e, em seguida, leia também o final do autor. O grupo mais criativo, ou o que mais se aproximar da verdadeira história, ganha. (DARÓZ, 2012 p.29).

E assim sucedeu-se a metodologia em sala, tanto na turma de Guarabira, quanto na turma de Lagoa de Dentro, com pequenas variações. A citar, por exemplo, na turma do 8º ano, primeiramente a crônica foi lida, para depois separar-se a equipe. Já na turma do 6º ano, o procedimento ocorreu inversamente. No entanto, vale ressaltar que a essência da dinâmica não sofreu alterações, isto é, nas duas turmas, o texto foi interrompido em determinada fase, de modo que, pudessem assim, estimular os alunos pela busca do final da história. O texto foi interrompido no momento em que o homem nu, diante de toda a confusão depara-se com a vizinha. “Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho.” (SABINO, *s.d* p.2).

A citação mencionada mostra que, optou-se nas duas turmas, por um corte na narrativa, em um momento de muito suspense, pois assim a curiosidade pode ser estimulada, de modo a incentivá-los a produzir o texto, e conseqüentemente, a interpretá-lo de forma, mas adequada possível.

Esta curiosidade foi um dos motivos, para a escolha do referido gênero. Afinal, como afirma um importante teórico da literatura:

[...] A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas.

- Sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.(CÂNDIDO, 1979 p.6-7).

Portanto, a crônica além de estimular a curiosidade, é um texto capaz de apreender a atenção do jovem leitor, devido à temática e forma com a qual é abordada. Os adolescentes se identificam com textos de acordo com a sua realidade, aqueles que parecem estar impregnado no contexto do seu dia a dia. Presume-se, pois, que a crônica “O homem nu” de Fernando Sabino, é uma escolha considerável, afinal, o texto utilizado como objeto de estudo, é marcado pelo seu alto teor humorístico e cotidiano. Por isso, os alunos com o qual trabalhamos, mostraram-se atentos e interessados pela crônica, tornando possível a construção íntima entre leitor e texto. Sem esta relação, é improvável obter-se resultados significativos, quanto à formação de jovens leitores.

Outro fator importante a ser mencionado, é a questão de como dá-se esta formação de leitores através do processo de compreensão textual.

A compreensão de um texto depende de questões próprias do leitor, tais como o **conhecimento prévio**, que nasce a partir da interação com o outro e das relações que estabelecemos entre as coisas para construir nossos valores e ideologias; **Os objetivos** de leitura, que é um fator determinante para a compreensão porque são esses objetivos que vão determinar o controle que temos sobre o texto e fazer com que atribuamos sentido a ele, e a **motivação** do leitor em relação ao texto. (CAMPOS & QUINELATO, 2010 p.314 Grifos nossos).

Portanto, tomando as palavras de Campos & Quinelato, é possível constatar que se não há objetivos para a leitura, provavelmente ela não terá sentido para o aluno. Por isso a dinâmica “O grande final” e a crônica utilizada mostraram-se importantes fatores para o alcance do objetivo proposto.

Ler a crônica até a referida parte já mencionada tinha como objetivo compreender o texto com a finalidade de produzir um final para o mesmo, de modo satisfatório. Vale ressaltar, ainda, que os textos produzidos tinham um público alvo “Os colegas de classe”, já que, cada grupo apresentou o seu texto para os demais. Visto que, “[...] Os gêneros textuais não são fruto de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas na ação linguageira”. (MARCUSCHI, 2008 p.189).

O gênero crônica, assim como qualquer outro, exige um receptor da mensagem ou texto a ser produzido. Este foi um dos fatores a contribuir no sucesso da nossa pesquisa, pois os alunos, além de produzir algo a partir de um texto leve e engraçado, puderam direcioná-lo a alguém do próprio contexto social, no qual estão inseridos. Isto gerou em todos os grupos motivações para a interpretação e produção textual, afinal quando não se sabe o “para que” e o “para quem” produzir determinados textos, raramente ter-se-á motivação para fazê-lo.

Segue abaixo duas tabelas, na qual, na primeira, foi transcrito um final da narrativa produzido por um grupo do KENNEDY em detrimento de outro por um grupo do GETULIO VARGAS, presente na segunda tabela.

TEXTOS PRODUZIDOS

GRUPO A
Quando a velhinha percebeu que o homem estava nu, ela se espantou dizendo:

- Tarado! Tarado! Socorro!

De supetão ela fechou a porta na cara do homem, sentindo-se mais calmo, viu que o elevador estava vindo. Quando veio, começou a abrir e viu que era o cobrador. Colocou o saco de pão na cabeça para não ser reconhecido. O cobrador vendo o homem nu entrou no elevador e desceu o mais rápido possível. Aliviado, o homem deitou-se no chão, segundos depois a esposa abriu a porta e lhe disse:

- O que está acontecendo?

O homem resmungando, entrou no apartamento trancou a porta, deixando a mulher do lado de fora.

GRUPO B

Disse a velhinha:

- Que é isso meu Deus?

O homem continuou batendo na porta com mais força, gritando:

- Maria! Maria! Abre aqui, não sou o homem da televisão.

Dessa vez, ela ouviu, conheceu a voz dele, e abriu a porta. Ao perceber que estava nu, perguntou:

- Por que você está nu?

- Eu vim buscar o pão e o vento fechou a porta. Bati, mas você não abriu a porta.

- Pensei que era o homem da televisão.

O homem a esposa entraram no apartamento e decidiram ficar esperando pelo cobrador da televisão.

Em síntese, percebe-se que os resultados mostraram-se satisfatórios, afinal ambos os grupos conseguiram compreender o texto de forma a produzir o final da narrativa coerentemente, isto é, conseguiram produzir novos sentidos dentro do limite permissível da crônica, pois como afirma Marcuschi (2008, p.241) “Os textos podem produzir mais de um sentido”, contudo ele “[...] não é uma caixinha de surpresa ou algum tipo de caixa preta.” (MARCUSCHI, 2008 p.242). Diante das citações, podemos afirmar que o gênero trabalhado em sala, como qualquer outro, apresenta diversas leituras, que varia de acordo com a percepção do indivíduo ou grupo, porém as compreensões não ocorrem de qualquer jeito.

Quando se ultrapassa as barreiras impostas pelo o texto, a tendência é distanciar-se também da própria coerência semântica do texto original.

Constatou-se através da releitura textual produzida pelos alunos das respectivas escolas abordadas, que os limites não foram ultrapassados. Antes, deu-se sequência ao sentido cotidiano característico da crônica. Estranho seria se, por exemplo, os alunos tivessem continuado a narrativa com um final trágico, pois Aristóteles, como já mencionado, deixa claro o caráter deste tipo de gênero, bem diferente do caráter que compõe a crônica.

Percebe-se também que ambos os grupos mantiveram-se atentos à narrativa, pois os personagens são inseridos na continuação da história, de forma a verdadeiramente dar continuidade ao texto, a partir do momento em que foi pausado. Observe que no texto produzido pelo GRUPO A, faz-se uso constantemente da inferência com o objetivo de captar as informações anteriores, concedidas pelo texto, para assim construir um novo significado, de forma a não fugir do que vinha-se construindo anteriormente, desde ao ambiente, a situação e os personagens, conseguindo manter até mesmo o caráter humorístico do gênero trabalhado.

No GRUPO B, por sua vez, a inferência é um pouco limitada, devido ao próprio grau de conhecimento dos alunos do 6º ano em detrimento dos alunos do 8º. Entretanto, isto não significa que a inferência não ocorreu.

O grupo fez uso de procedimentos inferenciais, ao buscar informações presentes na parte do texto para construir o final solicitado. É verdade, que não conseguiram dar continuidade ao humor, como o Grupo A. Talvez, isto se explique, devido à falta do conhecimento de mundo, de que este gênero é marcado por tal característica. Ao contrário da turma do 8º ano, que já tiveram contato com esta informação em outras situações. Marcuschi (2008 p.289) contribui com esta temática da inferência e conhecimento de mundo, ao afirmar que,

No processo de compreensão, desenvolvemos atividades inferenciais. [Com esta posição admitimos que compreender é partir de conhecimentos (informações) trazidos pelo texto e dos conhecimentos pessoais (chamados de conhecimentos enciclopédicos) para produzir (inferir) um sentido como produto de nossa leitura. Compreender um texto é realizar inferências a partir das informações dadas no texto e situadas em contextos mais amplos.

Em síntese, a crônica mostrou-se útil e de grande importância, pois a partir dela os alunos puderam amadurecer enquanto leitores, fazendo uso de processos inferenciais e do conhecimento enciclopédico para transpor no papel as suas impressões sobre o texto, através da produção textual dentro do viés da dinâmica utilizada. Provavelmente, se o gênero

utilizado fosse substituído por outro, do qual exigissem do aluno maiores conhecimentos do qual ainda não dispõem os resultados positivos não seriam alcançados. O que nos faz concluir, que o gênero crônica, deve ter o seu espaço em sala de aula. Pois, a experiência relatada, mostra claramente, a sua utilidade positiva na formação de jovens leitores. Não que este seja o único objetivo possível a ser alcançado, existem inúmeros outros não abordados neste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É verdade que “ler” ainda é um ato reduzido em nossa sociedade. Contudo, através do trabalho, percebemos a possibilidade de contribuir com a formação de jovens leitores, através do gênero crônica, pois este, com sua simplicidade e suposta efemeridade tende a “cair” no gosto dos jovens, exatamente por comunicar fatos do cotidiano de forma dinâmica e engraçada. Quebrando, assim, a monotonia, que por muitas vezes, faz-se presente nas escolas brasileiras.

Nós esperamos que a experiência relatada, possa auxiliar outros educadores na construção de novos saberes e na inserção da crônica em sala de aula, desfazendo assim, a tendência de reduzi-la sempre a um gênero textual inferior aos demais.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética** [Art rhetorique et art poétique]. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.

CAMPO, Roberta Pavani. QUINELATO, Eliane. **A crônica literária como reflexão social: uma proposta de integração do gênero em sala de aula.** IN: Anuário da produção de iniciação discente. Vol.13. N.20, 2010.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão: Prefácio. IN: **Para gostar de ler: crônica.** ANDRADE, Carlos Drummond de [et al]. Ed. Didática. São Paulo: Ática, 1979.

DAROZ, Elaine Pereira. **Dinâmicas em sala de aula: para todos os níveis de ensino.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: O minidicionário da língua portuguesa.** [et al] 4 ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Fernando Sabino. O homem nu. Disponível em <http://www.releituras.com/fsabino_homemnu.asp> Acesso em 10 de Maio de 2014.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil - Instituto Pró-Livro. Disponível em < <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48> > Acesso em 10 de Maio de 2014.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.